

Série Investidor Consciente

Volume 1



Fundos de Investimento no Brasil

INSTITUTO DE PESQUISA EM

**FINANÇAS &
INVESTIMENTOS**

Cláudio Gontijo

Leopoldo Grajeda

Daniel Jacob

CARTA AO INVESTIDOR	1
OS MERCADOS DE INVESTIMENTO	2
ESTRATÉGIAS DE INVESTIMENTO	4
FUNDOS DE INVESTIMENTO NO BRASIL	6
SOBRE OS AUTORES	8

INFORMAÇÕES EDITORIAIS



Cláudio Gontijo – Leopoldo Grajeda – Daniel Jacob

FUNDOS DE INVESTIMENTOS NO BRASIL

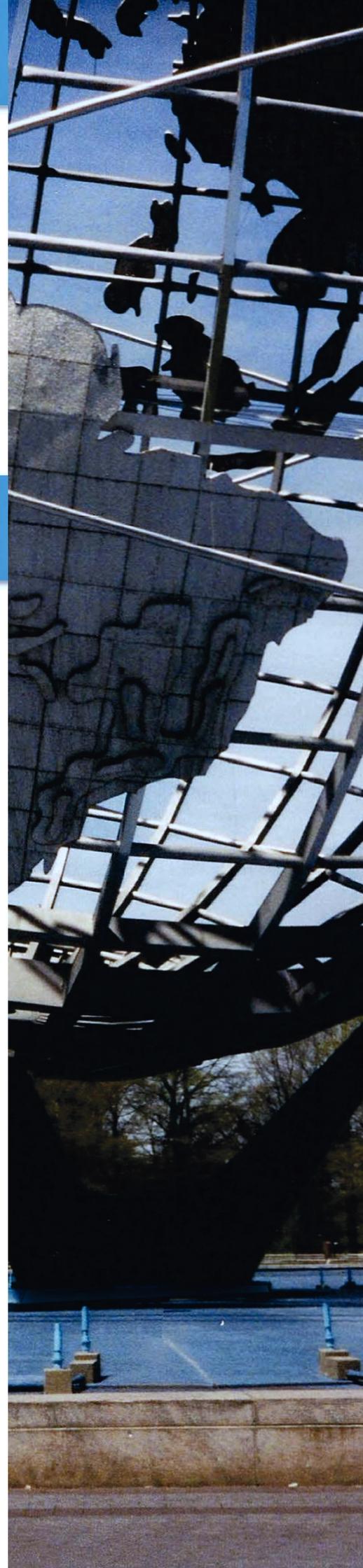
Belo Horizonte – 2011

Série Investidor Consciente – Volume 1

COPYRIGHT © 2011 by IPFI Ltda.

Todos os direitos reservados. Qualquer uso comercial desta obra é vedado: este exemplar não pode ser vendido. Nenhuma parte deste folheto pode ser reproduzida, por qualquer processo, sem permissão expressa e prévia do IPFI. É consentida, todavia, a reprodução total ou parcial desta obra para uso pessoal ou para fins educativos.

Instituto de Pesquisa em Finanças & Investimentos
Rua dos Goitacazes, 71 Sala 1003 – Centro
30190-909 Belo Horizonte, MG
Tel: (31) 3261-4399
www.ipfi.com.br



Prezado Investidor,

A crescente complexidade dos modernos instrumentos do mercado financeiro vem colocando um desafio cada vez maior aos investidores: se hoje é possível concretizar operações sofisticadas, que há poucas décadas não seriam sequer concebíveis, por outro lado o mercado exige do investidor uma sólida e ampla formação multidisciplinar, para que ele seja capaz não apenas de conhecer as peculiaridades dos diversos nichos do mercado e compreender as nuances e os detalhes técnicos das operações financeiras, mas principalmente de fazer análises qualitativas e quantitativas de modelos econômicos avançados, seja para avaliar devidamente os riscos envolvidos nessas operações, seja para desenvolver estratégias ótimas de investimento, de acordo com suas preferências individuais.

De fato, o notável progresso da teoria econômica desde o início do século XX foi acompanhado por um desenvolvimento ainda mais impressionante da tecnologia financeira, que incorporou inúmeros modelos matemáticos e estatísticos sofisticados, antes restritos somente às ciências exatas, possibilitando a aplicação de métodos computacionais eficientes e técnicas modernas de otimização. Naturalmente, a evolução da ciência do investimento levou a avanços correspondentes na legislação, permitindo e regulamentando as novas operações, garantindo direitos e impondo deveres às partes envolvidas em contratos financeiros cada vez mais intrincados e definindo o papel das autoridades financeiras.

Todo esse aparato científico, tecnológico e jurídico, que escapa ao alcance do cidadão comum, assegura aos profissionais especializados do mercado financeiro uma vantagem competitiva relevante. Não por acaso, todos os grandes investidores institucionais – bancos, seguradoras, grandes empresas, etc. – contam atualmente com equipes multidisciplinares compostas por economistas, matemáticos, administradores, advogados, contadores e diversos outros profissionais.

Nesse contexto, um fundo de investimento é um refúgio seguro para aqueles que desejam ter seus investimentos sob os cuidados de uma equipe de profissionais gabaritados, porém sem incorrer nos altos custos fixos de manter tantos especialistas e sem a necessidade de coordenar tantas *expertises* diferentes. Em um fundo de investimento, tais custos são divididos entre os cotistas. A coordenação dos trabalhos é feita por um administrador de carteiras experiente e de reputação ilibada, enquanto que a custódia dos ativos e a contabilidade ficam a cargo de uma instituição financeira de credibilidade. Além disso, o grande volume de ativos de um fundo propicia ganhos de escala significativos, permitindo que mesmo pequenos investidores tenham acesso a custos operacionais mais baixos e, conseqüentemente, a uma maior rentabilidade.

Por isso, em um mercado mais e mais competitivo, os fundos de investimento tornam-se cada vez mais atrativos para os investidores, desde os muito pequenos até os muito grandes, tanto pessoas comuns quanto pequenas, médias e grandes empresas.

Neste trabalho, voltado para o público leigo, apresentamos os principais aspectos relativos aos fundos de investimento, com especial ênfase no mercado brasileiro. Detalhando a estrutura de um fundo de investimento, descrevendo alguns fatores críticos de sucesso e alertando para algumas armadilhas que precisam ser evitadas, esperamos contribuir para uma melhor compreensão desses produtos financeiros tão úteis para todos os tipos de investidor, fornecendo subsídios para um processo de tomada de decisão mais informada e consciente.

Gratos pela consideração, empenhamos nossos votos de sucesso e prosperidade.

Cordiais saudações,

Cláudio Gontijo,
Leopoldo Grajeda e
Daniel Jacob

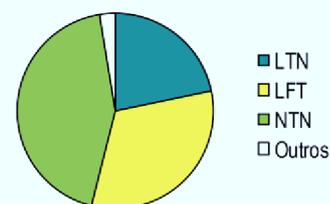
Os diversos nichos do mercado financeiro oferecem uma enorme gama de possibilidades aos investidores. Algumas dessas partes são tão grandes e tão desenvolvidas que cada uma delas constitui um mercado por si só, com seu *modus operandi* próprio, seus participantes usuais, suas tradições e suas características únicas. Entre os diversos mercados há diferenças marcantes nos usos e costumes, no amparo legal e na tributação, nos custos operacionais, nos prazos observados, nos riscos do negócio. Uma distinção fundamental é a classificação dos mercados como de renda fixa, onde se negociam títulos públicos e privados, e de renda variável – todos os outros mercados. A seguir, descrevemos brevemente os principais mercados para os investidores dentro do mercado financeiro.

MERCADO DE TÍTULOS PÚBLICOS



A dívida pública brasileira é composta quase que totalmente por títulos do Tesouro Nacional negociáveis no sistema SELIC, como as Notas do Tesouro Nacional (NTN), as Letras Financeiras do Tesouro (LFT) e as Letras do Tesouro Nacional (LTN). Esses títulos de alta liquidez formam um mercado de R\$ 1,5 trilhão, onde se praticam as maiores taxas de juros do mundo. Todavia, trata-se de um mercado extremamente especializado.

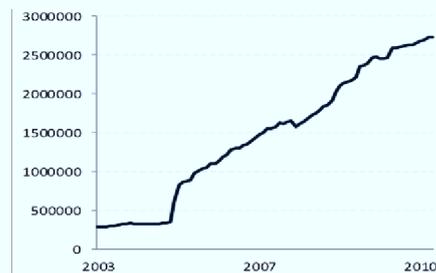
Volume de Títulos do Tesouro Nacional



MERCADO DE TÍTULOS PRIVADOS



Títulos privados de renda fixa, tais como os debêntures e os Certificados de Depósitos Bancários (CDB), são negociados na CETIP, totalizando mais de R\$ 3 trilhões. Ali também são feitos os Depósitos Interfinanceiros (DI), instrumentos que permitem a transferência de recursos entre instituições financeiras. A taxa DI, comumente chamada de taxa CDI, é a mais importante referência para o mercado financeiro.



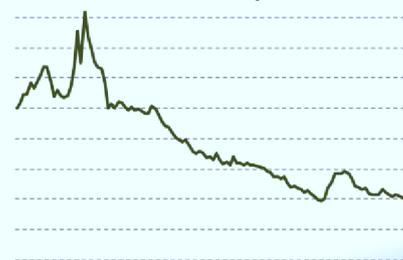
Diversidade de ativos negociados na CETIP.

MERCADO CAMBIAL



O câmbio é de fundamental importância, não apenas para exportadores e importadores, mas para todos investidores. Isso porque o capital é hoje globalizado, de modo que os estrangeiros investem livremente no Brasil, assim como os brasileiros aplicam no exterior. A maioria das operações de câmbio à vista é executada via Banco Central, enquanto os contratos futuros e derivativos são negociados na BM&F.

Rendimento real de dólar ao longo da última década.



MERCADO DE OURO



O mercado de ouro é o mais tradicional deles, funcionando ininterruptamente desde a pré-história e servindo sempre de refúgio para investidores em tempos de crise. Além de seu uso como reserva e ornamental, o ouro vem-se tornando um insumo importante para a indústria de alta tecnologia. No Brasil, os negócios são concentrados na BM&F, onde se negociam o metal à vista, contratos futuros e derivativos.



Rendimento real do ouro de abril de 2008 a março de 2009.

Mercado	Instituição	Principais Ativos	Liquidez	Risco	Maior Vantagem	Maior Desvantagem
Títulos Públicos	SELIC	NTN, LFT, LTN	Imediata	Zero*	Renda fixa	Ciclo político
Títulos Privados	CETIP	DI, CDB, debêntures	Imediata	Baixo	Renda fixa	Baixa rentabilidade
Câmbio	BACEN	Dólar, euro	Imediata	Moderado	Hedging	Sem rentabilidade
Ouro	BM&F	Ouro 24 k	Moderada	Moderado	Reserva de valor	Baixa rentabilidade
Bolsa de Valores	BOVESPA	Petrobras, Vale	Alta	Alto	Alta rentabilidade	Ciclo de negócios
Commodities	BM&F	Café, boi gordo, soja	Alta	Alto	Oportunidade	Choques de oferta
Futuros e Derivativos	BM&F	Opções, swaps, etc.	Alta	Altíssimo	Hedging	Alavancagem
Imóveis	—	Casas, terrenos, etc.	Baixa	Moderado	Valorização	Altos custos

*Apesar de serem considerados títulos sem risco, certos títulos públicos são expostos ao risco de taxa de juros, como, por exemplo, NTN e LTN.



BOLSAS DE VALORES

Investir em ações significa tornar-se sócio de empresas que atuam nos mais diversos setores. No Brasil, o cenário é dominado pela BOVESPA, onde se negociam diariamente bilhões em ações de algumas gigantes da economia, como a Petrobras e a Vale. Na cena internacional, destacam-se as bolsas de valores de New York (Wall St.), Londres, Paris, Frankfurt, Tokyo, Hong Kong.

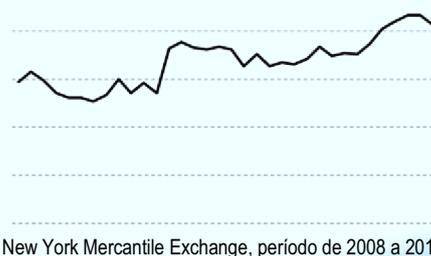
Evolução real do Ibovespa na última década.



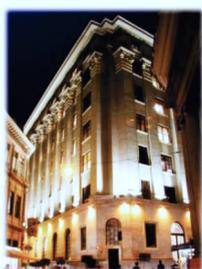
MERCADO DE COMMODITIES

O mercado de produtos agropecuários é o mais tradicional de todos, porém assumiu uma nova feição com o conceito de *commodity* – mercadoria padronizada. No Brasil, esse mercado concentra-se na BM&F, onde são negociados lotes padrão de café, boi gordo, açúcar, etanol, milho e soja. Em nível global, a maior e mais importante de todas as bolsas de mercadorias é a Chicago Mercantile Exchange (CME).

Evolução real do preço internacional do café tipo arábica.



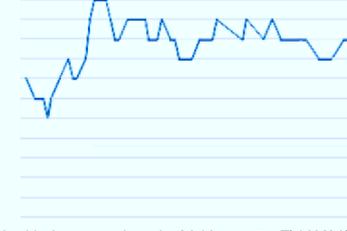
New York Mercantile Exchange, período de 2008 a 2010.



MERCADO DE FUTUROS E DERIVATIVOS

Contratos futuros e derivativos são contratos financeiros padronizados em que transações predeterminadas no ato da contratação serão realizadas em datas futuras predefinidas. O objeto desses contratos pode ser o que for: *commodities*, ações, barras de ouro, moeda estrangeira, taxas de juros, etc. No Brasil, esses contratos são negociados principalmente na BM&F. É um mercado muito técnico e de alto risco.

Varição intraday do preço de uma opção de compra.



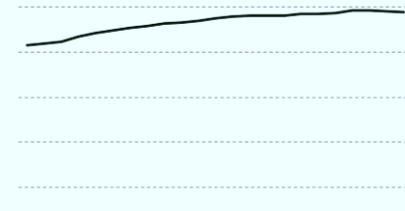
Dia 19 de novembro de 2010, opção F110K26/17.0.



MERCADO IMOBILIÁRIO

Os imóveis podem oferecer oportunidades de investimento interessantes, com os aluguéis oferecendo uma rentabilidade mensal e mantendo sempre a possibilidade de valorização devido à especulação. Entretanto, altos custos operacionais (taxas, corretagem, etc.), inadimplência, demandas judiciais, depreciação e falta de liquidez podem resultar prejuízos financeiros, trazendo risco moderado para o investidor.

Evolução real média dos preços de aluguéis residenciais.



Belo Horizonte, de dezembro de 2008 a outubro de 2010.

Diante da assustadora diversidade de ativos disponíveis para investimento surge um problema cuja solução não é nada fácil: afinal de contas, qual o melhor mercado para se aplicar? Essa questão sempre desafiou e sempre vai desafiar a todos nós, que, querendo ou não, temos de tomar nossas decisões cotidianamente. Algumas dessas decisões podem fazer pouca ou nenhuma diferença em nossas vidas, enquanto outras podem ter impacto significativo sobre nosso futuro e de nossas famílias.

Em primeiro lugar, é preciso ter em mente que não existe o melhor mercado para se investir sempre, mas apenas os mercados mais apropriados para cada investidor em cada momento. As circunstâncias que determinam o desempenho financeiro dos ativos alteram-se o tempo todo e um investimento espetacular em um determinado período, pode ser desastroso no período seguinte. O importante é o investidor manter-se posicionado adequadamente em termos de mercados e ativos, atento não somente ao rendimento de seus negócios, mas principalmente à sua exposição ao risco.

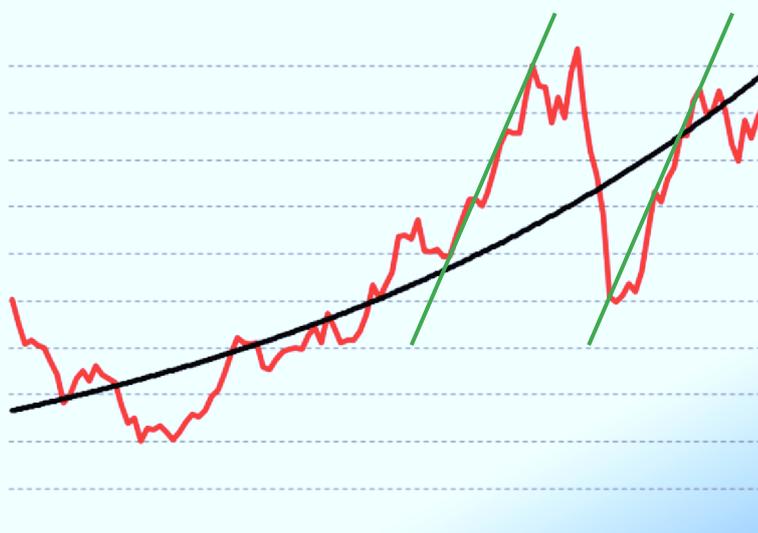
Nesse sentido, a Análise Macroeconômica é uma ferramenta indispensável, dado o caráter cíclico da economia de mercado, caracterizado por períodos alternados de *booms* e recessões, permeados por crises. Esses ciclos condicionam as “bolhas” especulativas, que representam descolamentos do mercado em relação às suas bases reais, e essas “bolhas” podem resultar em crises financeiras, tais como a recente crise do *subprime*. Com isso, vários mercados podem experimentar sobressaltos, comprometendo a rentabilidade de longo prazo daqueles investidores que não conseguem antever as mudanças de conjuntura e posicionar-se apropriadamente. Por outro lado, aqueles que se antecipam às crises podem obter ganhos significativos – para eles, as crises são oportunidades extraordinárias.

Uma vez definidas as linhas gerais que devem balizar seus investimentos, a partir da compreensão dos ciclos econômicos, ainda resta ao investidor a questão prática de decidir exatamente o que fazer com seus recursos. Antes de mais nada, ele precisa definir em quais ativos investir e é aí que a Análise Fundamentalista desempenha um papel relevante, permitindo detectar as empresas mais promissoras dentre as que atuam em um mesmo setor ou as oportunidades mais interessantes em certo mercado. Porém, mesmo após selecionar quais os investimentos a serem feitos, ainda restam dois problemas para o investidor: quanto de seu capital deve ser destinado a cada um dos investimentos escolhidos e como precisamente chegar à posição desejada, definindo especificamente quais operações financeiras realizar ou, pelo menos, tentar. Enfim, há que se adotar uma estratégia operacional.

A ANÁLISE MACROECONÔMICA E A PREVISÃO DA CRISE DO *SUBPRIME*

Um exemplo marcante de como a Análise Macroeconômica pode antecipar com sucesso a ocorrência de uma crise econômica foi a previsão feita pelo renomado economista Cláudio Gontijo acerca da crise do *subprime*. De fato, em julho de 2007 a revista “Mercado Comum”, em sua edição fechada em junho, trazia seu artigo “Esperando a Grande Depressão de 2010”, onde literalmente já se prognosticava que:

“(…) nuvens negras se acumulam no horizonte, a enunciar, em futuro não muito distante, novo ‘crash’ do mercado financeiro mundial, na esteira do colapso do dólar, resultante tanto dos crescentes desequilíbrios macroeconômicos dos Estados Unidos quanto da própria bolha especulativa que está se formando ao nível globalizado.”



A evolução do Ibovespa ao longo da última década e a previsão da crise de 2008.

Uma resposta surpreendente ao primeiro problema foi dada por Harry Markowitz na década de 1950. Ele introduziu um referencial estatístico de risco-retorno e mostrou como a diversificação de investimentos pode ser feita com rigor matemático, de modo a obter carteiras de investimento com o máximo de retorno para o nível de risco assumido. Ele também levou o velho ditado popular de que “não se devem colocar todos os ovos na mesma cesta” um passo adiante, dizendo exatamente quantos ovos colocar em quais cestas, aplicando o método de redução de variância. Seu trabalho pioneiro deu uma nova dimensão ao princípio da aversão ao risco, mostrando que, independentemente do perfil do investidor, dentre dois investimentos com mesmo retorno esperado, aquele com menor risco é sempre preferível, pois resulta em uma maior rentabilidade acumulada no longo prazo.

Os resultados obtidos por Markowitz revolucionaram mercado financeiro. A busca pela eficiência do ponto de vista de risco-retorno foi o marco inaugural da moderna teoria das carteiras, que inclui o *Capital Asset Pricing Model* (CAPM), desenvolvido por William Sharpe na década de 1960 e que ainda hoje é o principal modelo financeiro em nível global. Tais avanços tiveram profundo impacto tanto no desenvolvimento de produtos financeiros, tais como os fundos mútuos, quanto na própria estrutura e regulamentação do mercado financeiro. Com muita justiça, Markowitz e Sharpe receberam o prêmio Nobel de Economia em 1990. Atualmente, a análise de risco é uma atividade central no cenário financeiro e, tendo por base os métodos quantitativos introduzidos por Markowitz, permite uma diversificação de carteiras com elevada eficiência estatística.

Por fim, uma vez que definidos os objetivos estratégicos de investimento que melhor atendem aos anseios e ao perfil de risco do investidor, é necessário estabelecer um cronograma de operações que permita alcançar a posição desejada o mais rapidamente possível, com o mínimo de risco necessário.

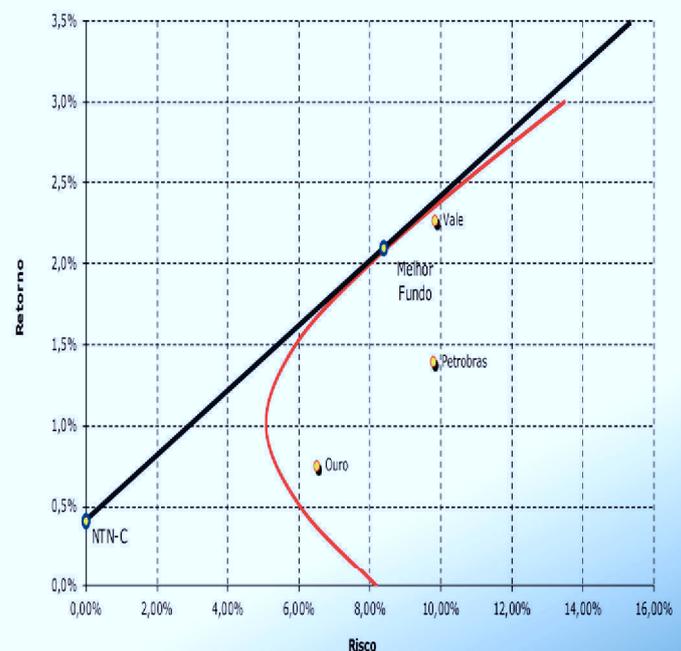
Para ilustrar o método, vejamos o exemplo do gestor de um fundo de investimento que, após uma análise macroeconômica decide investir em renda fixa, em ouro e nos setores petrolífero e de mineração. Após uma análise fundamentalista, ele decide pela compra de NTN-C, ouro e ações da Petrobras e da Vale. O modelo de Markowitz indica que, para atingir um objetivo de retorno real médio de 0,98% a.m., deve-se investir seus recursos 50% em NTN-C, 17% em ouro, 19% em Vale e 14% em Petrobras. Isso não quer dizer que se deva vender todos os ativos do fundo e montar essa carteira imediatamente, mas apenas que se deve traçar um cronograma de operações para chegar à carteira desejada gradualmente.

OTIMIZAÇÃO FINANCEIRA

Em sua essência, o modelo de Markowitz consiste em situar os investimentos em um mapa de risco-retorno, como o mostrado na figura ao lado. A composição de uma carteira diversificada leva a um ponto à direita do conjunto de variância mínima (em vermelho), o qual é sempre uma hipérbole.

As carteiras com máximo retorno esperado para cada nível de risco encontram-se sobre a parte de cima dessa curva, chamada de fronteira eficiente. Essas carteiras deram origem aos fundos mútuos e podem ser obtidas computacionalmente através de um processo de otimização. Dentre as carteiras sobre a fronteira eficiente, aquela que permite combinações ótimas (reta azul) com um ativo de renda fixa (NTN-C) é chamada de melhor fundo.

Nas últimas décadas, inúmeros modelos sofisticados de otimização financeira vem sendo desenvolvidos, como, por exemplo, o sistema *Efficient Portfolio Management* de Leopoldo Grajeda, que obtém estratégias ótimas de operação através da aplicação de algoritmos genéticos sobre simulações de Monte Carlo baseadas em uma versão estocástica de tempo contínuo do modelo de Markowitz.



Dados reais com base no IGP-M, apurados ao longo da última década.

Em virtude do crescente grau de diversificação e sofisticação mercado financeiro brasileiro, descrito nas páginas anteriores, os fundos de investimento vêm desempenhando um papel cada vez mais importante nas últimas décadas. Investidores individuais sofrem com a carência de tempo e de *expertise* para administrarem, eles mesmos, seu portfólio; por sua vez, os investidores institucionais encontram sérias dificuldades na contratação de mão-de-obra especializada e esbarram nos altos custos de se manter uma equipe própria de gestão financeira – com frequência, o departamento financeiro concentra a maior parte dos recursos e esforços de uma empresa, que acaba por perder o foco em sua atividade fim.

Lamentavelmente, a esmagadora maioria das instituições financeiras simplesmente não oferece produtos financeiros atraentes aos investidores. Para as pessoas físicas, apesar da falência do sistema de aposentadoria pública, as aplicações oferecidas pelos bancos comerciais normalmente limitam-se aos títulos de capitalização, à caderneta de poupança, aos planos de aposentadoria privada e a CDBs, todos com rendimento inferior ao CDI, quando não chegam ao absurdo de render juros nominais negativos, o que é muito comum entre os títulos de capitalização. Ainda que se ofereçam fundos de investimento, mesmo esses acabarão por render algo não muito acima do CDI.

Isso porque se trabalha com uma lógica reversa, determinando a rentabilidade de trás para diante: ao invés de estruturar seus fundos de modo a permitir aos cotistas acesso aos lucros apurados no negócio – o que é muito justo, já que são os cotistas que assumem os riscos do negócio –, a maioria das corretoras e dos bancos comerciais usam inúmeras artimanhas para absorver praticamente todo o lucro que exceder o rendimento do CDI. Assim, os cotistas ficam com todos os riscos, enquanto os bancos e corretoras ficam com a maior parte dos lucros. Apesar de eticamente reprováveis, esses subterfúgios escapam ao alcance da lei e, portanto, da fiscalização das autoridades.

É comum encontrar fundos que cobram reduzidas taxas de administração como forma de atrair investidores, mas que aplicam seus recursos em outros fundos afiliados à mesma instituição financeira, os quais, por sua vez, cobram taxas absurdas. Por exemplo, um fundo de fachada cobra taxa de administração de 0,5% a.a. e não cobra taxas de performance, custódia ou carregamento, contudo, aplica seus recursos em um outro fundo que cobra pesadas taxas. O investidor que passear pelo website da Comissão de Valores Mobiliários¹, talvez se surpreenda ao encontrar fundos com taxas de administração acima de 8% a.a. e taxas de performance que chegam a 95% do que exceder o CDI! Pior ainda, ele pode estar pagando essas taxas abusivas sem saber...

Outra prática imoral, mas que não é nada incomum no mercado de fundos, é fazer um número desnecessariamente grande de operações, de modo que boa parte dos ganhos do investidor resultantes da valorização das ações transforme-se em altos custos de corretagem. Parte dessa corretagem costuma ser devolvida ao gestor do fundo, numa prática conhecida no mercado como “rebote”. Isso quando o dono da corretora não é o próprio administrador do fundo, como ocorre na maioria dos bancos.

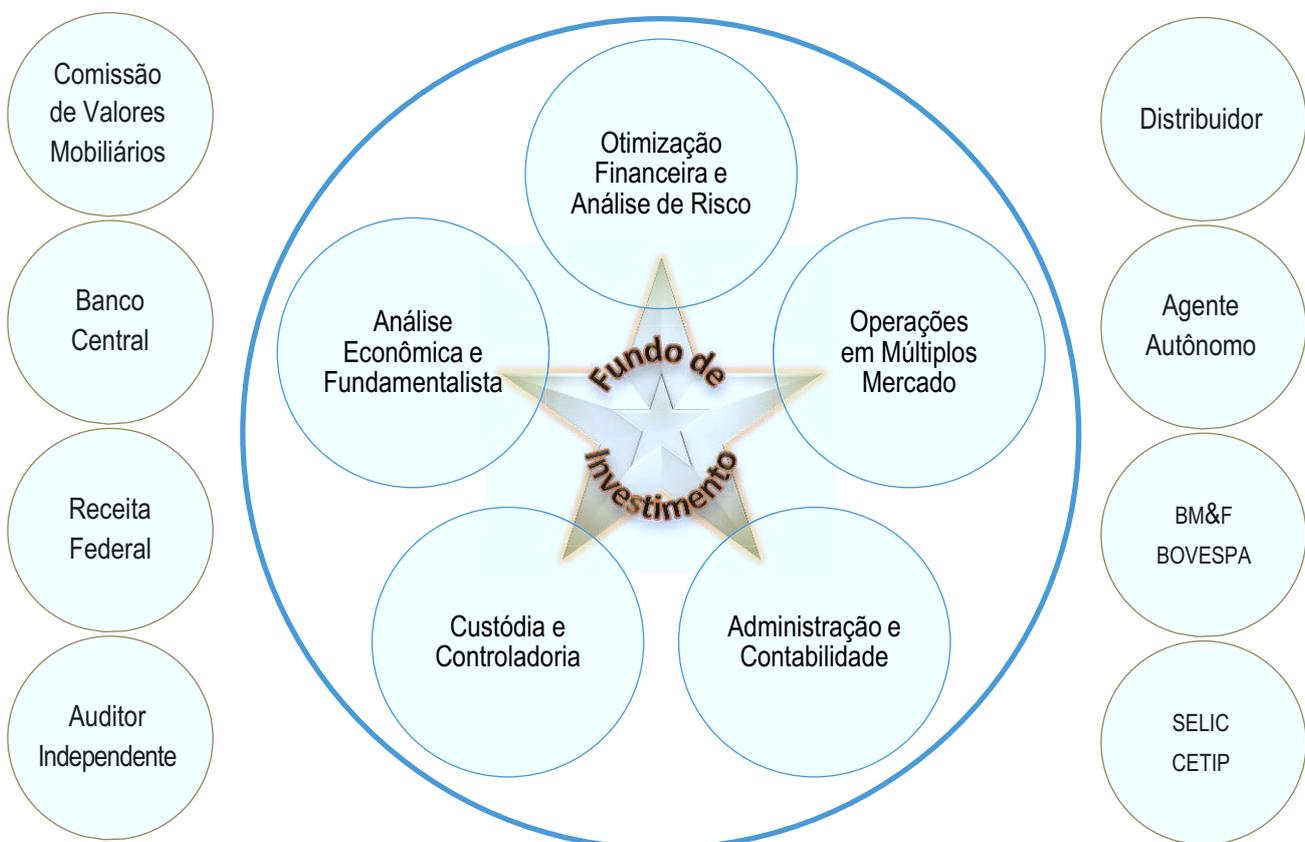
Essas práticas resultam em rendimentos pífios no longo prazo, o que tem levado um número crescente de investidores a buscar os fundos de investimento administrados por gestores éticos e independentes, evitando o conflito de interesses na administração do patrimônio do fundo. É preciso, portanto, que os investidores se assegurem de que seus fundos de investimentos contem não somente com todo o devido aparato legal², mas também com equipes de gestão gabaritadas, à altura do desafio.

¹ <http://www.cvm.gov.br/>

² Fundos de investimento são pessoas jurídicas legalmente estabelecidas, inclusive com registro na junta comercial e na Secretaria da Receita Federal. Além de todas as obrigações usuais, os fundos estão sujeitos à regulamentação especial e fiscalização da Comissão de Valores Mobiliários e do Banco Central. Por exemplo, os administradores, os gestores da carteira e os agentes de custódia do fundo têm que possuir autorização prévia, publicada no Diário Oficial da União, para exercer tais atividades.

Um fundo de investimento tem obrigatoriamente que contar com certa estrutura operacional, com funções bem definidas, por lei, para os diversos agentes que o integram direta ou indiretamente. Essa regulamentação é indispensável, devido principalmente ao elevado patrimônio de que um fundo normalmente dispõe. É preciso haver mecanismos eficazes de controle que impeçam fraudes e desvios de conduta que prejudiquem os interesses dos cotistas. Por isso, é fundamental que os diferentes agentes cooperem entre si para o bom andamento dos negócios, mas também que eles se fiscalizem e se limitem reciprocamente, impedindo, ou pelo menos dificultando, abusos de quem quer que seja. Além disso, é necessário que haja também fiscalização e controles externos, seja através da ação das autoridades competentes, seja através de auditorias independentes periódicas, seja pelos órgãos de auto-regulação ou por outras instituições que disciplinam os mercados, tais como a SELIC, a CETIP, a BOVESPA, a BM&F.

A figura abaixo permite vislumbrar a estrutura interna e externa de um fundo multimercado:



Naturalmente, toda essa estrutura organizacional, que traz muita tranquilidade para o investidor, pode acarretar pesados custos operacionais ao fundo. Por isso, é preciso que o fundo tenha uma equipe robusta e eficiente, para cumprir com rigor a todas as exigências legais, porém ainda mantendo um custo final competitivo para o cotista. À medida em que o patrimônio total do fundo cresce, também há um ganho significativo de escala, uma vez que os custos fixos vão sendo melhor diluídos e se tem um acesso privilegiado aos círculos mais restritos dos diversos mercados, contando com ferramentas modernas de análise e controle de risco e com *expertise* para realizar mesmo as operações financeiras de maior complexidade, que podem ser de extrema utilidade em situações extremas, como nas crises econômicas.

Enfim, a vantagem de se ter uma gestão profissional ética e competente supera de longe os custos, tornando um fundo de investimento uma alternativa atraente para todos. Não é à toa que o universo dos fundos de investimento no Brasil não pára de aumentar, atendendo a milhões e milhões de cotistas.

CLÁUDIO GONTIJO

Economista renomado, com sólida formação e experiência internacional. Ph. D. pela New School for Social Research, é professor da Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG desde 1979. Ocupou inúmeras posições de destaque no mercado, tais como diretor da Fundação João Pinheiro, membro do Conselho de Administração da CEMIG, Assessor-Chefe da Assessoria Econômica da Secretaria da Fazenda e Assessor Econômico do Governo de Minas Gerais, Assessor do Gabinete do Prefeito de Belo Horizonte e membro do Conselho Curador da FAPEMIG, dentre outras. Coordenou projetos para o World Bank e para o Banco Interamericano. Atualmente, participa como analista sênior da equipe de gestão da carteira do EPM Fundo Multimercado.



Cláudio Gontijo



Leopoldo Grajeda

LEOPOLDO GRAJEDA FERNANDES

Matemático com experiência internacional e sólida formação, é professor do Instituto de Ciências Exatas da UFMG desde 1995 e, nos últimos anos também do Ibmecc-MG e da Fundação Dom Cabral. Atua ainda no setor industrial e no mercado financeiro, já tendo prestado serviços para grandes empresas, tais como o BDMG, a Belgo-Mineira e a Acesita. Estudou no renomado Courant Institute of Mathematical Sciences da New York University, onde obteve o título de Master of Science. Ao longo da última década, vem desenvolvendo e aplicando estratégias ótimas para investimento no mercado financeiro. Administrador de carteiras de valores mobiliários autorizado pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM), é o gestor da carteira do EPM Fundo Multimercado.

DANIEL GUERRA JACOB

Profissional com sólida formação e ampla experiência no mercado de capitais, tem reconhecida competência em operações financeiras, inclusive aquelas de grande porte. Foi operador institucional da Sita S.C.C.V.M., onde trabalhou por mais de dez anos, atuando inclusive na gestão de carteiras. Mestrando em Economia pela FEAD-Minas, Especialista em Finanças e Mercado de Capitais pelo Unicentro Newton Paiva e Administrador de Empresas pela PUC-Minas, participa atualmente como analista sênior de operações da equipe de gestão da carteira do EPM Fundo Multimercado.



Daniel Jacob



“Em primeiro lugar, é preciso ter em mente que não existe o melhor mercado para se investir sempre, mas apenas os mercados mais apropriados para cada investidor em cada momento.”

“Por isso, em um mercado mais e mais competitivo, os fundos de investimento tornam-se cada vez mais atrativos para os investidores (...)”

“Lamentavelmente, a esmagadora maioria das instituições financeiras simplesmente não oferece produtos financeiros atraentes aos investidores.”

“(...) o que tem levado um número crescente de investidores a buscar os fundos de investimento administrados por gestores éticos e independentes, evitando o conflito de interesses (...)”

“Enfim, a vantagem de se ter uma gestão profissional ética e competente supera de longe os custos (...)”

A Arte de Investir com Tecnologia

A globalização e a diversidade dos atuais mercados financeiros vêm impondo novos desafios tanto aos profissionais da área quanto aos investidores e cidadãos em geral. Atualmente, para atuar com sucesso no universo das finanças é necessária sólida formação científica multidisciplinar, que reúna conhecimento financeiro e jurídico a sofisticados modelos econômicos e matemáticos, via modernos métodos estatísticos e computacionais. Além disso, é fundamental investir com responsabilidade, de forma sustentável, e com respeito aos valores ambientais, culturais, éticos, morais e sociais. Mais ainda, todos os negócios devem-se pautar pela firmeza de caráter e nobreza de ideais, que nada mais são que uma consequência de rica e ampla educação humanística, voltada para o bem comum.

O Instituto de Pesquisa em Finanças e Investimentos é uma entidade científica sem vínculo governamental que tem por principal meta produzir e transferir tecnologia financeira de ponta a investidores, empresas e profissionais do mercado.

Dentre seus objetivos, destacam-se:

- ① detectar, analisar e desenvolver oportunidades de investimentos, abrindo espaço para uma saudável interação entre investidores, empreendedores e profissionais de diversos setores da economia;
- ② promover o debate sobre temas de interesse da sociedade como um todo, tratando de problemas de abrangência local, regional, nacional e global;
- ③ incentivar e praticar a educação financeira nos mais diversos níveis, seja como uma ferramenta eficaz de transferência de conhecimento técnico a investidores e profissionais, seja como instrumento de construção da consciência de cidadania.

Fundado em 2007, o Instituto de Pesquisa em Finanças e Investimentos foi idealizado pelo matemático e financista Leopoldo Grajeda Fernandes como um centro de pesquisas avançadas de caráter privado, voltado tanto para o desenvolvimento de tecnologia financeira inovadora, quanto para a transferência dessa tecnologia a profissionais do mercado, empresas e investidores. Com esse intuito, o Instituto tem atuado com sucesso no setor, contando com o apoio de clientes e parceiros renomados, como, por exemplo, o Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG), o Ibmecc-MG, a Fundação Dom Cabral, o Colégio Loyola e a Associação dos Bancos de Minas Gerais (ABEMG).

O Instituto zela pelo interesse público ao colaborar com a melhoria da eficiência de empresas e instituições, bem como ao atuar no âmbito da educação financeira. Por isso, oferece desde minicursos para crianças e adolescentes até treinamento para profissionais altamente especializados, além de auxiliar investidores no difícil processo de tomada de decisão.

Visando esclarecer diversos aspectos do mercado financeiro, o Instituto criou a Série Investidor Consciente. Neste primeiro volume, Fundos de Investimento no Brasil, apresentam-se esses instrumentos atrativos e confiáveis, capazes de atender a investidores dos mais variados perfis.